



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: VIVÊNCIA NA
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

KÉSSIA DE ARAÚJO RUFINO MONTEZUMA

Brasília – DF

2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: VIVÊNCIA NA
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

KÉSSIA DE ARAÚJO RUFINO MONTEZUMA

Brasília – DF

2014

KÉSSIA DE ARAÚJO RUFINO MONTEZUMA

**EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: VIVÊNCIA NA COMUNIDADE
DO SOL NASCENTE**

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília - DF

2014

Trabalho final de curso de autoria de Késsia de Araújo Rufino Montezuma, intitulado *“EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: VIVÊNCIA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE”*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em ___/___/2014 à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professor Me. Thiago Magalhães P. de Souza
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Brasília - DF

2014

DEDICATÓRIA

Ao meu querido esposo Diógenes Cardoso Montezuma que sempre e de forma incondicional, esteve ao meu lado ao longo dessa caminhada, ensinando a arte de amar, respeitar e fundamentalmente nunca desistir de sonhar...

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por está sempre ao lado.

Aos meus pais, que mesmo com muitas dificuldades, me educaram ensinando os verdadeiros valores, sempre com muito amor e carinho.

A minha família, em especial a minha irmã Kellen, que desde o nascimento da minha filha Fernanda, me ajudou nessa caminhada cuidando dela sempre que precisei.

As minhas grandes amigas Priscila Silvério, Jéssica Cristine, Jessika Correia, Raquel Carlos e Thais Pessoa, companheiras de estudo, de trabalhos acadêmicos e de muitos momentos de alegria e descontração.

A todos os professores, em especial a professora Sônia Marise pelo admirável trabalho de apresentar os princípios da Economia Solidária, e por me fazer acreditar que outro mundo é possível, um mundo mais justo e mais humano, onde prevaleça a liberdade e igualdade.

*Não tenha medo da vida, tenha medo de não vivê-la.
Não há céu sem tempestades, nem caminhos sem acidentes.
Só é digno do pódio quem usa as derrotas para alcançá-lo.
Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas para irrigá-la.
Os frágeis usam a força; os fortes, a inteligência.
Seja um sonhador, mas una seus sonhos com disciplina,
Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas.
Seja um debatedor de idéias. Lute pelo que você ama.*

(Augusto Cury)

MONTEZUMA, Késsia de Araújo Rufino. *Educação Popular e Economia Solidária: Vivência na Comunidade do Sol Nascente. Brasília-DF*, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2014.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso traz o relato de experiência em Educação Popular e Economia Solidária realizada na Comunidade do Sol Nascente em Ceilândia - DF. Na tentativa de se lançar um novo olhar sobre a Educação Popular, o mesmo traz um breve resgate do contexto histórico no Brasil que envolvem a Educação Popular e os movimentos sociais, buscando levar em consideração elementos como a igualdade e a cooperação, princípios defendidos pela Economia Solidária. Nessa perspectiva identificam-se alguns déficits do sistema educativo, pois o mesmo, em diversos momentos, desconsidera a importância da Educação Popular e assume a função social de reprodução do sistema capitalista. Consciente do equívoco que se comete quando a educação que não é pautada sob a perspectiva de uma formação emancipadora dos educandos, no presente trabalho projeto minhas expectativas aliadas à vivência prática com a Educação Popular a fim de manifestar a importância de uma educação para a formação crítica dos educandos e de suas comunidades, onde os mesmos tenham a oportunidade de descobrir que é possível construir um futuro cooperativo, mais justo e solidário.

Palavras-chave: Educação Popular, Economia Solidária, Cooperação, Solidariedade.

LISTA DE SIGLAS

CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores;
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
EB	Exército Brasileiro
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAB	Força Aérea Brasileira
FE	Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
SMU	Setor Militar Urbano
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I - MEMORIAL	14
PARTE II – RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE.....	25
CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO POPULAR E SOLIDÁRIA – UMA POSSIBILIDADE ..	28
1.1 UMA ABORDAGEM SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL.....	28
1.2 EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA POSSÍVEL.....	33
CAPÍTULO 2: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE	39
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE – UM PROBLEMA SOCIAL PRÓXIMO DO PODER	39
2.2 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	42
2.2.1 GT CRIANÇAS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
PARTE III – PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	51
ANEXO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

APRESENTAÇÃO

O projeto acadêmico da FE foi muito significativo na minha formação, através das atividades previstas no currículo da graduação de Pedagogia que se constituíam de reuniões e encontros junto à comunidade, onde vivenciei momentos de grande aprendizagem. .

Os encontros foram realizados aos sábados de oito horas da manhã ao meio dia em uma sala cedida na escola classe 66, localizada na comunidade do Sol Nascente em Ceilândia – DF, com um grupo de crianças que acompanhavam suas mães, mulheres essas que buscavam com a produção artesanal de bolsas, gerar trabalho e renda para o sustento financeiro de suas famílias.

Atualmente, vivemos em uma sociedade capitalista que procura “educar” e doutrinar os sujeitos, afim de, torná-los semelhantes e pacíficos, sem esboçar qualquer desejo de mudança frente essa conjuntura. Na tentativa de nos convencer de que tudo que é imposto acaba sendo o melhor para todos, muitos se acomodam e passam a viver sem perspectivas, seguindo, um modelo pré-estabelecido pelo sistema, e desta forma, acabam anulando a capacidade de produzir um pensamento próprio, e conseqüentemente, negando sua própria liberdade.

Frente a essa realidade, o papel da Economia Solidária, quando discutido dentro da Educação Popular, é o de fazer com que o indivíduo procure um caminho alternativo, criticando e resistindo às relações de poder e dominação, nas quais constantemente está submetido.

Sendo assim, a intenção da Economia Solidária entrelaçada à Educação Popular pode ser entendida como uma nova proposta frente ao atual sistema vigente, sugerindo repensar a sociedade em modelos mais humanizados e solidários afim de, constituir essencialmente sujeitos pertencentes ao mesmo grupo. Na tentativa de trazer essa reflexão para a comunidade, o papel do educador torna-se fundamental, pois, o mesmo deve acreditar na possibilidade de criação de uma escola mais democrática, onde os papéis de opressores e oprimidos sejam

verdadeiramente anulados e que princípios como a cooperação e a solidariedade possam prevalecer.

É importante destacar que os preconceitos e as verdades absolutas de uma sociedade capitalista são extremamente difíceis de serem eliminados, por essa razão, é de extrema importância que passemos a repensar nossas concepções e procedimentos, enquanto educadores comprometidos, no sentido de não nos tornarmos apenas reprodutores de tais valores normas e padrões para que desta forma nos tornemos mais livres, independentes e autônomos.

Para tornar esta intenção em realidade, é indispensável uma melhor qualificação dos educadores para que os mesmos tenham condições de fazer com que os seus educandos construam uma sociedade que respeite as diversidades e que venham a enxergar no dinheiro, apenas um meio e não um fim em si mesmo.

Nesta expectativa este trabalho propõe uma difícil tarefa, a de discutir uma nova proposta de Educação Popular relacionada aos aspectos essenciais que constituem a Economia Solidária. Numa perspectiva crítica e contextualizadora realizamos reuniões junto à comunidade do Sol Nascente colocando em prática os novos objetivos de uma Educação Popular. Portanto, a partir deste panorama, o presente trabalho não pretende apresentar soluções para os diversos problemas sociais encontrados, mais sim busca promover uma reflexão sobre as atuais condições e concepções da comunidade, utilizando da “dádiva” para que os mesmos sujeitos possam torna-se críticos e seres verdadeiramente livres e autônomos.

Na busca de cumprir com os objetivos propostos neste trabalho procuro ao longo do mesmo construir um referencial histórico que permita lançar mão de minhas experiências práticas com a Educação Popular e Solidária em Sol Nascente. Para isso o presente trabalho está organizado em três partes principais assim distribuídas:

A primeira parte deste trabalho consta de um memorial histórico-educacional intitulado “*A Trajetória em Busca de um Sonho*”, por meio do qual relato fatos da minha trajetória em busca do ingresso em uma Universidade. Momentos significativos que antecedem a educação formal, e que são determinantes na minha trajetória educacional foram relatados nesse memorial.

A segunda parte do trabalho aborda “*O Relato das Experiências de Educação Popular na Comunidade do Sol Nascente*”, onde relato um breve histórico do surgimento daquela comunidade e seus principais problemas. Procuo também a partir de um suporte teórico, desenvolver a compreensão de como se dá o processo de emancipação através de uma educação libertadora tendo por base os princípios da Economia Solidária. Na sequência destaco a intervenção pedagógica realizada na comunidade.

A terceira e última parte intitulada “*Perspectiva Profissional: Um Sonho Realizado*”, *que* consiste numa breve produção referente às minhas expectativas de atuação profissional como pedagoga, acrescentando também reflexões a cerca dos meus objetivos atuais e futuros embasados em uma trajetória sólida e consistente.

PARTE I

MEMORIAL

A TRAJETÓRIA EM BUSCA DE UM SONHO

A TRAJETÓRIA EM BUSCA DE UM SONHO

Minha trajetória na educação e na docência começa desde muito cedo mesmo eu ainda não tendo a plena consciência desse fato. Sou a segunda filha de uma família onde o total somos seis filhos. Criada em um lar evangélico e tradicional onde as regras eram muito rígidas, muito em razão da formação militar do meu pai, a educação ocupava um papel mais formal, porém, não tinha um destaque muito grande.

Antes mesmo de entrar na educação formal já tinha um contato com o contexto educativo. Quase todos os domingos frequentava na igreja uma classe onde aprendia a doutrina cristã. Recordo-me de ser um sistema de ensino muito organizado, as turmas eram divididas por faixa etária, havia matrícula, controle de presença por meio de chamada e até mesmo avaliações trimestrais para verificação da aprendizagem. Ao final de cada ano havia uma grande celebração onde eram premiados os alunos que obtinham os melhores desempenhos e os professores também recebiam prêmios por sua produtividade.

Essa experiência influenciou muito no meu desejo de um dia me tornar professora. Sempre que tinha oportunidade juntava meus irmãos mais novos e brincava com eles de “escolinha”, e nessa brincadeira reproduzia tudo aquilo que era ensinado na igreja. Essa prática era repetida quase que diariamente, tamanho era o meu entusiasmo e encantamento com a docência.

A minha trajetória escolar esta dividida em duas grandes etapas, sendo que ambas foram em escolas da rede pública de ensino. A primeira foi quando de fato iniciei o processo de escolarização. Lembro-me com um pouco de nostalgia que, na véspera do início das aulas, junto com minha mãe, conferia toda a lista de material escolar e principalmente verificava se estava tudo certo com o uniforme, que por sinal não esqueci: uma saia azul marinho de pregas, uma camiseta branca com o bolso bordado com o emblema da escola, meias brancas e sapatos pretos.

O primeiro dia de aula foi uma mistura de curiosidade e medo, afinal, estava entrando em um mundo completamente diferente, muito embora existisse dentro de mim certa confiança por estar chegando já sabendo ler e escrever, pois havia sido alfabetizada por minha mãe. Mesmo diante dessa realidade tudo me encantou: a escola toda decorada para receber os alunos, os funcionários atenciosos com os alunos e com os pais, direcionando todos para as salas de aula, enfim um ambiente extremamente acolhedor oferecido pela Escola Classe 06 do Cruzeiro Novo – DF.

Durante o ano letivo tudo era sempre muito prazeroso. O aprender, o brincar, as relações com os colegas, funcionários e sem dúvida nenhuma, com a professora Cristina da primeira série A, que além de ensinar os conteúdos com muita competência, também estabeleceu com todos os alunos uma relação de grande afeição. E assim por sorte fui concluindo as etapas de escolarização até completar a quarta série, em escolas públicas do Cruzeiro Novo em Brasília, em uma época que ainda as escolas públicas tinham um ensino de qualidade e um padrão de referência. Toda essa vivência fez com que o sonho de ser professora permaneça firme dentro do meu coração.

A segunda etapa e talvez a mais traumática, foi determinante na decisão de buscar uma nova perspectiva profissional para minha vida. Em razão da profissão de militar do meu pai, ao final dos anos 80, início dos anos 90, recebi a notícia que nossa família iria mudar para o Estado do Amapá. Foi um grande choque, não sabia mensurar a distância que aquele lugar tinha de Brasília, nossas amizades construídas durante a infância seriam deixadas para trás, enfim, um momento de grande tristeza para todos nós.

Quando cheguei ao estado do Amapá parecia que estava em outro mundo. O Avião da FAB pousou em uma pista do aeroporto tão pequena que a impressão era que iríamos parar dentro da floresta. O calor era algo até então nunca imaginado. Os mosquitos, lá chamados de carapanãs, só atacavam em bloco, como um exército. Havia uma avenida principal que ligava o aeroporto ao centro da cidade. No percurso até a casa provisória que moraríamos, vi casas de madeira, galinha e porcos dividindo muitas vezes o espaço com o carro, a grande maioria, quase a totalidade das ruas, eram de terra batida. Uma realidade que jamais imaginava vivenciar.

Nossa chegada aconteceu em um período de recesso escolar, o que de fato foi um ponto muito positivo, porque durante esse período haveria um tempo para adaptação. Mesmo com essa oportunidade foi muito difícil, as pessoas eram diferentes na maneira de vestir, na maneira de falar, os costumes eram outros, tudo ainda naquela época estava ligado à cultura indígena na qual toda aquela população tinha suas origens, não foi nada fácil.

De toda essa experiência a pior parte foi quando tive que retomar os estudos. Foi uma passagem bem complexa, pois, quando saí do DF havia terminado a Quarta Série do antigo 1º Grau onde tínhamos apenas um professor para todas as disciplinas, a realidade seria outra. As disciplinas seriam divididas em horários específicos, a quantidade seria maior, e para cada uma delas teria um professor. Imagina o que é você chegar a uma escola onde não conhece ninguém, onde os costumes são outros e a dinâmica do ensino é totalmente nova.

Foi nessa fase que todo aquele encantamento e sonho em ser professora começou a ser repensado. A escola onde comecei na nova cidade era chamada Escola Comercial Gabriel de Almeida Café. Os professores eram imensamente diferentes em suas metodologias de ensinar, na relação que estabeleciam com os alunos. Era algo distante, frio e muito impessoal. Toda essa novidade trouxe inseguranças e estranhamento. E o discurso quase que unânime dos professores de que a docência não valia a pena, por não remunerar adequadamente e, que os alunos traziam mais problemas do que satisfação na hora do processo de ensino e aprendizagem e, isso foi fazendo com que eu reavaliasse o que até então parecia ser algo bem definido na minha vida: ser professora.

Durante quatro longos anos permaneci ali com minha família. Esse tempo foi estipulado para nós pelo EB, local de trabalho do meu pai, e conforme que o tempo passava a vontade de voltar para nossas origens só aumentava, mesmo fazendo amizades e acostumando-me com a cultura local, as razões que ainda permaneciam sem mudanças em todos os contextos vividos reforçavam o desejo de voltar.

Em 10 de janeiro de 1994 o grande dia chegou. Depois de quatro anos estava voltando para o DF. Era o momento de rever os amigos, reencontrar os familiares e voltar a desfrutar de todas as oportunidades que a Capital Federal tinha para oferecer. Porém nesse retorno muitas coisas tinham mudado dentro de mim. Não

era mais aquela criança sonhadora, que achava que o mundo era um mar de rosas e que bastava querer algo que conseguiria.

Lembro muito bem o momento socioeconômico que país passava, era um momento de grandes transformações. Estávamos saindo de um processo econômico muito atribulado onde a moeda não tinha valor, a inflação alcançava índices astronômicos e os salários tinham pouco poder aquisitivo. Minha família estava tentando se recuperar daquele famigerado Plano Collor que trouxe muita dificuldade financeira para muitos brasileiros.

Em virtude disso o discurso dos meus pais em casa era que precisávamos estudar para conseguir um bom emprego em razão das necessidades que minha família, composta por seis filhos tinha. Eu e meu irmão mais velho passamos a ser cobrados para estudar, não para aquisição de conhecimentos e muito menos para obtenção de uma formação qualificada, e sim em função de obter uma profissão que desse retorno financeiro rápido.

O DF sempre foi um caso à parte em relação às outras unidades da federação nos aspectos de segurança, trabalho e educação. Hoje entendo que por possuir essa especificidade algumas coisas aqui eram e continuam sendo diferenciadas. A educação, por exemplo, naquela época mantinha resquícios do sistema educacional pensado nos moldes do regime militar, fruto dos muitos anos de ditadura que oferecia o ensino acadêmico para as elites dominantes e o ensino profissionalizante para os filhos dos trabalhadores.

Ao retornar do Estado do Amapá havia concluído o antigo Primeiro Grau. Na sequência dos estudos entraria na 1ª série do Segundo Grau. Moradora do SMU, o local mais próximo da minha residência era o Cruzeiro Velho, por esse motivo, meus pais resolveram me matricular em uma escola por ali. Com a proximidade de casa, os gastos seriam menores, esse foi principal critério. Para minha surpresa, devido à falta de conhecimento a respeito do assunto, o Centro de Ensino 01 do Cruzeiro ofertava o chamado ensino profissionalizante. No ato da matrícula precisava escolher entre cursar Técnico em Administração ou Técnico em Contabilidade.

Esse momento marcou muito minha trajetória educacional. Lembro-me que disse aos meus pais que não gostaria de fazer nenhum desses cursos, que minha

vontade era fazer a Escola Normal. Mesmo ainda com um pouco de frustração com o magistério, principalmente por saber que financeiramente não era uma profissão valorizada, tinha o desejo de cursar, porque em nenhum momento pensei em retornos financeiros quando desejei exercer a docência, muito pelo contrário, fui sempre movida pela beleza que é ter o prazer de ensinar e aprender. Sem nenhum apoio da minha família por ter esse desejo, e pressionada a estudar algo que me proporcionasse uma oportunidade de emprego que pagasse mais que a de um professor, fui forçada a matricular-me no curso Técnico em Administração de Empresas.

Durante os três anos que durou o curso, aprendi muita coisa que ali era ensinada, afinal esse era o objetivo. No meu íntimo aqueles ensinamentos não traziam nenhuma satisfação. Os dias e horários que passava na escola pareciam algo sem sentido, pois não tinha nenhum tipo de identificação com aqueles conteúdos. Quando estava no terceiro ano do segundo grau tive a oportunidade de realizar um estágio remunerado no MEC. A princípio as atividades que deveriam ser realizadas teriam que ter relação direta com os conteúdos, mais não foi isso que aconteceu. No setor que trabalhava minha função era carregar papéis, tirar fotocópias e avisar na copa que o cafezinho tinha acabado. Quando alguém precisa de uma ajuda mais elaborada me pediam para organizar no computador umas tabelas e gráficos. Confesso que a frustração foi grande em sair de segunda a sexta de casa, depois de um dia cansativo de estudos, pegar ônibus, quase sempre cheio, tanto para ir, quanto para voltar e não colocar em prática o que estava sendo ensinado na teoria. Mesmo assim, considero ter concluído com êxito mais essa etapa.

Quando tudo terminou houve um misto de satisfação e incerteza, e agora o que fazer? Havia uma necessidade muito grande de começar a trabalhar e ajudar no orçamento familiar, porém havia também um desejo muito grande de dar continuidade aos estudos cursando uma Universidade. Contudo, sabia que a Universidade era para poucos, e em razão de ter concluído os estudos inteiramente na escola pública, sabia que era necessário fazer os chamados “cursinhos preparatórios” para o vestibular, visto que, as vagas oferecidas eram poucas e em sua maioria eram ocupadas por alunos oriundos de escolas particulares onde o ensino era voltado para alcançar o nível superior. Diante dessa realidade e,

principalmente, pela necessidade da complementação orçamentária da família, comecei a trabalhar. O ensino técnico me abriu algumas portas, porém, o trabalho era muito e a remuneração pouca. Com outras prioridades, acabei deixando o estudo em segundo plano e, conforme os anos iam passando, as perspectivas de fazer uma graduação eram cada vez menores.

A minha vida foi seguindo seu curso normal, trabalho, trabalho e trabalho, foi quando que no ano de 2006, conheci meu esposo, Diógenes Cardoso Montezuma, um homem trabalhador, honesto e cumpridor de suas responsabilidades, qualidades essas, formadas pela sua criação familiar e da sua formação militar, como o meu pai. Foi um momento muito especial na minha vida, pois, a nossa relação foi permeada de muito carinho e cumplicidade e, sabendo ele, através de nossas inúmeras conversas, que eu tinha um desejo muito grande de retomar os estudos, cursar uma Universidade, e trabalhar em educação, ele foi um dos meios maiores incentivadores. No mesmo ano, por motivo de força maior, o meu sonho foi mais uma vez interrompido, engravidei do meu primeiro filho, André Luís Rufino Montezuma, que nasceu em 07 de agosto de 2007, no hospital Santa Helena em Brasília.

Esse momento, trouxe muita felicidade para mim e todos da minha família, pois também tinha um desejo enorme de ser mãe, tive uma gravidez tranquila, e com o nascimento do André, o meu tempo, preocupações e atenções, ficaram voltadas somente para ele. Vivenciei cada etapa de seu crescimento, foi uma experiência incrível poder amamentar, depois vê-lo balbuciar os primeiros sons, dar os primeiros passos e falar o primeiro “mamãe” de sua vida.

Depois de passar essa fase dos primeiros cuidados com o André, vi a possibilidade de retomar projeto de voltar a estudar, foi quando em agosto de 2009, mais uma vez a história se repetiu, em razão da profissão militar do meu esposo, fomos transferidos para uma cidade no interior do Amazonas, chamada Humaitá. Em um primeiro momento fiquei desesperada, não sabia da existência dessa cidade, o que nela tinha, o que poderia nos oferecer, sem contar que, deixaria mais uma vez a família, amigos e toda uma segurança e estrutura que a capital nos trás. Ao procurar informações sobre a cidade, tive a grata surpresa que existia um Campus da UFAM, e analisando o site da Universidade, verifiquei que era oferecido o curso

de graduação em Pedagogia, essa descoberta, em parte, minimizou o impacto que mais essa mudança traria em minha vida.

Em dezembro de 2009, chegamos à cidade de Humaitá-AM, lembro que foi algo muito impactante, parecia que tinha voltado no tempo, tudo que tinha visto em Macapá, a capital do estado do Amapá, quando criança, estava revendo novamente, ruas de terra batida, casas de madeira na beira do rio e pouca infraestrutura. O processo de adaptação foi complexo, pois, logo meu esposo teve se apresentar no Quartel onde iria trabalhar e com isso fiquei muitos dias somente na companhia do meu filho. As pessoas da cidade não tinham muita simpatia por pessoas oriundas de outros estados, em especial as famílias de Militares do EB, o que explica o processo de socialização muito difícil. Em razão disso, o convívio era restrito às famílias de outros militares que estavam na mesma situação.

Depois dos ajustes com moradia, compra de móveis e eletrodomésticos, ou seja, nossa instalação na cidade, fui procurar informações sobre o vestibular no Campus da UFAM existente na cidade, onde constatei que haveria um vestibular em meados de maio de 2010. Vi ali a possibilidade de mais uma vez retomar com o sonho de entrar em uma Universidade, incentivada mais uma vez pelo Diógenes, meu esposo, comecei a me preparar para o vestibular. Encontrei grandes dificuldades visto que, havia muito tempo que não estudava, mesmo assim, não desisti, cada minuto era uma coisa estudada, muitas vezes abri mão de brincar com meu filho ou de dar atenção ao mesmo esposo, para poder estudar, mais foi um esforço que valeu a pena, fui aprovada no vestibular para Pedagogia em 3º lugar geral. Foi uma alegria sem tamanho quando eu vi meu nome na lista dos aprovados, lembro que nesse dia não consegui dormir de tanta felicidade.

O primeiro dia de aula foi marcante, parecia não acreditar no que estava acontecendo. Foram muitos anos desejando estar ali e por diversas razões que a vida nos traz, o sonho foi sendo adiado. Além da satisfação de poder realizar um sonho, estava surpresa com a estrutura da Universidade, um prédio novo de alvenaria, salas amplas, todas climatizadas, afinal de contas isso era necessário, o calor da cidade é um capítulo a parte. Havia recursos tecnológicos, tais como, computadores, internet e Datashow, e esse fato causou espanto em virtude do contraste com a realidade precária da cidade. Outro fato que merece destaque era o

corpo docente, muitos professores possuíam um boa formação, e a grande maioria eram provenientes de outros estados.

Os dias de aulas eram muito bons, havia grande identificação com tudo que era ensinado, me recorro com carinho da professora Ângela Maria Gonçalves Dias, que ofertava a disciplina Introdução à Pedagogia, pessoa muito querida, atenciosa, com vasto conhecimento em educação e uma excelente professora.

Até dezembro de 2011 vivenciei momentos inesquecíveis, de aprendizado, de amizades e compartilhamento de experiências e conhecimentos acadêmicos que foram de grande importância no meu processo de formação. No final do mesmo ano, o nosso tempo naquela cidade se esgotou, meu esposo foi transferido de volta para Brasília, esse foi um momento muito especial, pois sabia que estava retornando para próximo da família, amigos e de toda a estrutura que a capital pode oferecer. Dois momentos importantes estavam para acontecer nesse retorno, o primeiro deles era o nascimento do meu segundo filho, Fernanda Rufino Montezuma, um acontecimento planejado e desejado por toda a família, o segundo momento seria a entrada na UnB.

Um sentimento de alegria, satisfação e realização misturou-se com o receio de entrar em uma das melhores Universidades do país, diante desse grande desafio, não fraquejei, ao contrário, entrei com bastante coragem, pois sabia que seria necessário um esforço e uma dedicação muito grande para dar continuidade na minha formação. No processo que envolvia a transferência, quando tive que montar a minha grade horária, recebi da professora Kátia Curado, então coordenadora do curso, uma atenção especial, ela teve toda a paciência e boa vontade, pois naquele momento, além de ser oriunda de outra instituição de ensino, estava gestante de cinco meses da Fernanda.

Em uma dessas gratas surpresas que a vida nos proporciona, tive o privilégio de conhecer a professora Sônia Marise, nosso primeiro contato foi incrível, ela se mostrou muito prestativa em oferecer todo o suporte que por ventura eu viesse a precisar naquele momento, contou-me que tínhamos histórias de vida parecidas, pois também era esposa de militar e lecionou na UFAM, e que em sua trajetória também passou por processos de transferências de cidades e sabia da dificuldade natural dessa adaptação. Agradeço muito a Deus por ter colocado a professora

Sônia Marise no meu caminho, por ser uma pessoa solidária, paciente e acima de tudo uma excepcional professora.

Como já havia mencionado anteriormente, cheguei à UnB gestante de cinco meses, por essa razão, não iria cumprir o semestre regularmente com atividades presenciais, por conta da gravidez, realizei estudos domiciliares, isso fez com que não vivenciasse tudo o que a diversidade acadêmica tinha a oferecer, após cumprir a licença maternidade que tive direito, retornei para as aulas presenciais com grande entusiasmo.

De fato comecei a viver a Universidade, entrei em contato direto com os professores, conheci a dinâmica da FE e conheci também pessoas com as quais estabeleci relações de companheirismos e amizade. Esse momento teve grande importância, pois tudo que é novo e desconhecido, muitas vezes, traz medo e insegurança, e quando encontramos pessoas que demonstram interesse em ajudar e de caminhar ao seu lado, os obstáculos ficam menos difíceis de serem transpostos.

Preciso ressaltar aqui, mais uma vez, a ajuda fundamental que recebi do meu esposo. Minha filha Fernandinha estava com apenas seis meses quando retornei dos estudos domiciliares para cumprir o semestre presencial. Além dela, tinha também o André Luís que precisava de cuidados. Originalmente a minha matrícula era para cursar a Universidade no período diurno, e por conta dos meus filhos não terem com quem ficar, fui obrigado a cursar no período noturno. Nesse momento que a parceria incondicional do Diógenes mais uma vez apareceu. Ele trabalhava durante o dia, e quando chegava por volta das cinco e meia da tarde assumia o cuidado com nossos filhos para que eu pudesse estudar. Não era fácil não. Tinha que fazer tudo que uma dona de casa e mãe precisa fazer e ainda arrumar um tempinho entre uma tarefa e outra para ler os textos e fazer todas as atividades. Antes de pegar o ônibus, pois era assim que me deslocava para a UnB todos os dias, o André já tinha jantado e o leite materno da Fernanda já estava reservado no potinho, pois ela ainda era amamentada.

Após retornar da UnB ainda havia mais um turno a ser cumprido. Depois de jantar e de amamentar minha filha querida, estudava até às três da manhã, em

razão de ser o horário mais adequado, pois as crianças já estavam dormindo, o que tornava a tarefa bem mais fácil de ser realizada.

Quando ela completou um ano de vida, movida pela necessidade de ajudar no orçamento familiar, afinal de contas sustentar duas crianças não é tarefa fácil nos dias de hoje, recebi a ajuda da minha irmã Kellen de Araújo Rufino Mira para cuidar da Fernanda. O André Luís estudava na Escola Classe 08 do cruzeiro que possuía o regime de ensino em tempo integral, algo que ajudou bastante na decisão de ir trabalhar.

Para conciliar a necessidade de trabalhar com a formação acadêmica, consegui um estágio remunerado na escola Mãe da Divina Providência. Foi um período de grande crescimento, consegui colocar em prática muitas teorias ensinadas no curso de graduação. Consegui também perceber que a realidade muitas vezes não reflete os ensinamentos teóricos e que é necessário adequar os conhecimentos acadêmicos a realidade vivenciada no dia a dia do cotidiano escolar.

Durante o curso, mesmo considerando todas as matérias importantes, algumas despertaram um interesse maior. História da Educação Brasileira ofertada pela professora Abadia foi uma delas. Conhecer e entender os processos históricos que envolveram o contexto educacional brasileiro, como e porque o ensino hoje está assim configurado foi de extrema relevância.

Contudo o que maior significado trouxe na minha caminhada acadêmica foi fazer parte do campo de projetos. Como mencionado anteriormente, por cursar o período noturno, em virtude de não ter com quem deixar minha filha pequena, busquei entrar em um projeto realizado aos sábados.

Foi então que entrei no Projeto de Economia Solidária coordenado pela professora Sonia Marise. Iniciei no projeto 3 fase 1 onde o campo de ações seria a comunidade do Sol Nascente. O começo foi difícil, tudo era novo, os princípios da Economia Solidária, o encontro com a comunidade.

Porém a ideia de trabalhar com a Educação Popular me fez permanecer no projeto. As experiências vivenciadas na comunidade durante todo o projeto na comunidade do Sol nascente serviram como suporte para a realização desse trabalho de conclusão de curso.

PARTE II

**RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por base, as concepções que norteiam a Educação Popular que quando entrelaçadas, aos princípios e fundamentos da Economia Solidária, atuam de forma a favorecer, a aquisição da emancipação, o rompimento com situações de exclusão e de alienação que muitas comunidades são submetidas por não possuírem acesso à educação. A sociedade capitalista na qual vivemos é responsável por gerar problemas significativos, especialmente, para as classes menos favorecidas. A Economia Solidária associada à Educação Popular vem como uma alternativa expressiva para essas classes marginalizadas contra os desmandos do sistema capitalista, especialmente relativos ao mercado de trabalho e ao campo educacional.

A materialização das atividades foi de extrema importância, especialmente para os grupos envolvidos, dentre eles, a comunidade do Sol Nascente como um todo, representada por seus sujeitos atuantes em seus diversos segmentos, para os alunos da UnB de diferentes cursos, que participaram dos encontros e atividades, os quais serão relatados mais adiante. Conjuntamente tivemos a oportunidade de repensar algumas práticas tradicionais que lhes foram impostas ao longo de suas vivências. O trabalho nos permitiu também uma desafiante análise das concepções dos atores sociais, dentre eles, os educadores populares, em relação aos temas que fazem parte de seus perspectivas cotidianos.

Este trabalho busca uma reflexão a respeito da Educação Popular na forma como ela se apresenta em algumas realidades brasileiras e relacioná-la às reflexões em torno das questões da Economia Solidária. Busca também situar os alunos envolvidos na Educação Popular dentro dos princípios defendidos pela Economia Solidária, estimulando-os a repensarem e refletirem sobre a situação de exclusão a que são submetidos, e que, juntos podem avançar na conquista pela emancipação da comunidade como um todo.

Desta forma, proponho a construção de um referencial teórico que assegure aos educandos da Educação Popular uma reflexão em torno da relevância da Economia Solidária na sociedade brasileira e a contribuição da mesma na formação

de uma sociedade mais humana, justa e equilibrada. Sendo assim, exponho o intuito de abrir espaço para o trabalho com os sujeitos numa perspectiva de emancipação e conquista de autonomia através da realidade e da reformulação de concepções e valores que lhes foram pré-estabelecidos.

Para atingir tal objetivo procuramos ao longo das atividades realizadas com os educandos, filhos e filhas das mulheres artesãs: trabalhar os princípios básicos da Economia Solidária; fornecer elementos aos educandos para a introdução e sensibilização dos temas propostos; trabalhar com o resgate e percepção dos educandos em relação as suas condições sociais; refletir sobre a questão da educação na sociedade atual; propiciar uma reflexão crítica em relação à sociedade capitalista e suas contribuições para manutenção das desigualdades sociais; conhecer e refletir sobre a Educação Popular; verificar, refletir e debater sobre a realidade em que vivemos observando as diferentes formas de atuação dos grupos sociais.

A ferramenta metodológica utilizada para atingir os objetivos acima descritos, consistiu em pesquisa-ação em que a UnB, estando representada pelos alunos, em conjunto com a comunidade, realizassem as atividades sobre Economia Solidária dentro de uma perspectiva da Educação Popular.

Ao mesmo tempo em que as atividades iam sendo realizadas, buscamos construir com o grupo de trabalho um levantamento das demandas existentes, para que partindo dos princípios da Economia Solidária, em especial a solidariedade, o amor ao próximo e a cooperação, fosse possível desenvolver ações pedagógicas, tentando perceber e identificar nesse processo os equívocos que deveriam ser evitados e acertos que deveriam ser mantidos.

Em seguida, já com um apoio teórico formado, lançamo-nos à prática comunitária num desafio de construir com a comunidade do Sol Nascente as atividades temáticas balizadas pela Economia Solidária e a Educação Popular. Porém, o presente trabalho não pretendeu contemplar toda a grandiosidade e a riqueza desta experiência, e sim trazer em seu interior e semear em futuras práticas o desejo da transformação social alcançada em comunidade, com a comunidade e para a comunidade.

Capítulo 1

Educação Popular e Solidária - Uma Possibilidade

1.1 – Uma abordagem histórica sobre a Educação Popular no Brasil

Para compreendermos o conceito de Educação Popular se faz necessário uma abordagem histórica dos movimentos populares no Brasil, bem como sua relação com o contexto atual, tendo por base os fundamentos de cooperação e solidariedade da Economia Solidária.

Ao resgatar a trajetória da Educação Popular no Brasil e o crescimento dos movimentos sociais, tornou-se mais evidente que esse processo não é recente. Um ciclo muito importante que se relata nessa perspectiva histórica, tem início no movimento nacional desenvolvimentista (1945-1994), cujo movimento é caracterizado por governos tipicamente populistas. O Brasil estava entrando no processo de industrialização, com a chegada de capital estrangeiro a limitação da educação tornou-se um problema e havia a necessidade de qualificar a mão de obra para a expansão do capital.

Determinados governos semeavam ações com a finalidade de incluírem em seus projetos alguns desses movimentos populistas. O populismo, geralmente entendido como política de manipulação das massas, nesse período é influenciado pela ideologia do nacional desenvolvimentismo, apresentando objetivos de independência nacional e construção de uma sociedade justa. Para fazer frente a essas ações que caracterizavam um Estado autoritário e excludente, surgem os movimentos sociais populares na busca por supremacia, tendo como característica a conscientização política do povo, buscando a emancipação social, cultural e política das classes menos favorecidas, assim a educação popular se dirige às vítimas de desigualdades sociais e culturais.

A partir de meados da década de 50 surgiu a organização popular em sindicatos, concebidos na CGT e as chamadas Ligas Camponesas, o que forçou mudanças na caracterização ideológica do populismo, fazendo com que o

movimento ficasse ainda mais recriminado pelas teses da esquerda, que se opunham aos princípios por ele defendidos.

No entanto, com o Golpe Militar de 1964, tais movimentos são forçados a se ocultar. Os movimentos de educação e cultura popular, então, são extintos ou no máximo reorganizados sob a defesa dos princípios conservadores de instrução do povo nos marcos do tecnicismo, da exaltação da produtividade, segurança nacional e obediência, com o nacionalismo convertido novamente em sinônimo de civismo e patriotismo.

Somente com o processo de “redemocratização” do país na década de 1980, tais movimentos sociais passam a se manifestar com grande expressão, e começam a surgir novas iniciativas nesse âmbito educacional a partir da reorganização dos movimentos sociais populares.

Nessa dinâmica os movimentos populares foram ganhando volume, pois, em sua grande maioria, parte de lutas de ações, como saúde e educação pública, trabalho, moradia, transporte coletivo urbano, saneamento básico, segurança pública, elementos estes que caracterizam o direito pleno de qualquer cidadão.

É importante ressaltar que, conforme Coutinho (2000) essa chamada socialização do engajamento não tenha se restringido à classe trabalhadora, outras categorias e grupos sociais, como por exemplo, a Igreja Católica, começam a se organizar. Na medida em que, a sociedade se fortalece politicamente, o Estado sente-se obrigado a intervir através da força coercitiva. Porém tal atitude não impede que os sujeitos concretizem-se como indivíduos políticos coletivos.

No tocante a educação, a partir dos anos 80, algumas pesquisas sobre os movimentos populares sociais passam a introduzir o tema da educação a esses movimentos, com o objetivo de encontrar nas lutas de tais movimentos o cuidado com a escola, em especial as inseridas no contexto urbano (Spósito, 1993). Tais estudos, no entanto, não conseguiram envolver a reflexão sobre a extensão educativa dos movimentos e de suas lutas.

Muito embora, Freire não tenha considerado de forma precisa que, os movimentos sociais tenham sido o foco de suas observações, não podemos deixar

de atribuir relevante importância a sua colaboração na mediação entre os movimentos sociais e a educação. Tal contribuição surge na formação do seu pensamento a cerca da questão da produção do ser humano como pessoa, da potencialidade educativa da qualidade de oprimido, assim como do empenho para tentar não mais sê-lo. Isso fica evidenciado quando Freire afirma que:

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. Educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. (FREIRE, 1970, p.31)

Os princípios da educação popular estão associados à mudança da realidade opressora, o reconhecimento, a valorização e a emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. Apesar disso, além da conscientização, a prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização de educação popular e são elementos básicos para a transformação. Dessa maneira Freire infere que:

Pouco e pouco, porém a tendência é assumir formas de ação rebelde no que fazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos nem esquecer este momento de despertar. (1970, p.29).

Atualmente a legislação através da LDB, Lei nº 9394/96 em seu art. 1º, denomina como ambiente educativo, tanto a escola quanto os espaços e movimentos sociais, porém, ainda podemos perceber que em nossa sociedade existe o interesse de colocar a escola como sendo um local restrito à educação, desconsiderando as inúmeras potencialidades educativas existentes nos movimentos sociais.

Apesar de a escola e os movimentos sociais possuírem uma forma específica de ensinar, ambos compartilham o sentido político da educação, sendo assim, se faz necessário enfatizar o teor educativo revelado nessas vivências, assim como, observar os ambientes das práticas sociais como sendo espaços apropriados à formação de uma educação crítica e libertadora.

Com isso, os movimentos sociais e populares devem ser vistos como espaços de Educação Popular, no qual é adequado fazermos uma referência ao termo popular. O termo popular surge em dois conceitos; um como uma expressão indicadora de categorias de indivíduos disseminados e segregados; e em outro momento, como ideia de sujeito individual e coletivo constituído e em conflito.

Também se referindo ao chamado popular para ação concreta Gadotti (2007) diz que:

O educador pensa o futuro, está voltado para o futuro, mas sua ação cotidiana está totalmente engajada no presente. Sua ação, portanto, é uma ação contraditória. Por isso as relações entre o pensamento utópico e a ação pedagógica são complexas e dialéticas. É por isso, também, que a utopia pedagógica deve ser concreta, para não se tornar uma abstração delirante. (GADOTTI, 2007, p.19).

Melo Neto (2004) chama atenção ainda para outros sentidos de popular: educação popular – educação para autonomia; popular e classes populares; popular ou do povo, povo que expressa às camadas subalternas da sociedade, e mais no final do século passado, popular evoca projeto de transformação social, qualquer. Ele conclui:

Popular adquire uma plasticidade conceitual, exigindo para os dias de hoje, uma definição que, rigorosamente, passa por movimentos dialéticos intrínsecos ao próprio conceito, inserido no marco teórico da tradição e atualizado para as atuais exigências. Nesta perspectiva, é possível mostrar um movimento conceitual que envolva os elementos que sempre estiveram presentes nos variados momentos históricos e outros que foram sendo assimilados com o tempo (MELO NETO, 2004, p.157).

Com base nessa circunstância, Gadotti (1997) destaca que nas últimas décadas vêm-se repensando, inclusive, a função da educação e da própria Instituição Escolar, sendo que, na sociedade capitalista, que tem como incumbência servir de ferramenta principal à manutenção de uma pedagogia tradicional, demonstrando para os educandos a lógica da ideologia da classe dominante. Em contrapartida, nasce a Educação Popular, revestida de um caráter socialista e democrático, que inscreve, através de projetos inovadores, o princípio da mudança social, pois para o autor:

A Educação Popular e socialista não é uma ideia abstrata, nem uma utopia pedagógica. Ela se encontra em desenvolvimento entre nós, por exemplo, no próprio processo de resistência e de luta pela superação das desigualdades. Neste momento no Brasil ela constitui-se um instrumento dessa luta. Só uma sociedade de iguais, uma sociedade sem classes, lhe conferirá estatuto pleno (GADOTTI, 1997, p. 268).

Por essa razão, devemos considerar a Educação Popular uma proposta possível, na medida em que, como educadores sociais, temos a responsabilidade de despertar nos educandos o sentimento de superação dessas desigualdades.

1.2– Educação popular no contexto escolar: uma proposta possível

Entender a escola como espaço de formação, implica em vinculá-la diretamente aos processos sociais concretos, portanto, escola como lugar também de Educação Popular. Isso é uma dificuldade, e para superá-la se faz necessário romper com toda uma tradição no pensamento educacional, que concebe como educação, tão somente, aquela ministrada dentro da escola e, como Educação Popular, a prática formativa desenvolvida dentro da escola.

Nesse contexto, a Educação Popular no Brasil tem seu caminho marcado pela ênfase nas práticas educativas que se desenvolvem fora da escola, a despeito de, a luta dos movimentos populares por escola pública de qualidade vem contribuindo para que seja rompida esta separação estanque, exigindo um lugar efetivo para a educação do povo na escola.

Tomando por base esses pressupostos, a Economia Solidária defende que o aprendizado desta nova definição de sociedade deve ser um aprendizado na prática e por isso surge a necessidade de desenvolvermos uma nova pedagogia, ou novas pedagogias, que criem situações de troca de experiências onde façam surgir o saber popular e o reconhecimento deste, e prevaleçam nos grupos o sentimento de pertencimento e o cuidado pelo outro, para que a construção do vínculo se dê cotidianamente. Segundo Freire:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que o descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 1970, p.39).

Para que haja uma melhor compreensão, aqui se faz necessário, um comentário sobre esse conceito de opressores e oprimidos (classes sociais), pois se trata de um conceito diretamente implicado na definição de educação popular. Freire afirma que:

Será na sua convivência com os oprimidos sabendo também um deles – somente a um nível diferente de percepção da realidade – que poderão compreender as formas de ser e comportar-se dos oprimidos que refletem, em momentos diversos, a estrutura da dominação (FREIRE, 1970, p.27).

Ao analisarmos a Educação Popular, algo importante a ser considerado é que, do ponto de vista prático, partimos de fundamentos das práticas coletivas de transformação da realidade e, nesta perspectiva, logo que surge uma dificuldade, aflora também a oportunidade de discussão, reflexão, aprofundamento e construção da consciência crítica e da capacidade de transformação de si mesmo e do seu contexto. Sendo assim, FREIRE afirma que:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996, p.61).

Portanto, incluir a proposta de uma educação popular no contexto escolar, será uma tarefa desafiante, pois o objetivo ultrapassa o conceito de interdisciplinaridade e percorre por diversos âmbitos do currículo integrando-o à realidade de forma coesa e significativa para o educando. Dessa forma Freire defende que:

Em uma linguagem direta: os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistem em liberdade. Aos que constroem juntos o mundo humano, compete assumirem a responsabilidade de dar-lhe direção. Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo (FREIRE, 1970, p.11).

De forma cada vez mais frequente, as escolas excluem os educandos do processo de formação crítica e do pensamento acerca do contexto político e econômico vigente. Com isso seus currículos tornam-se vazios de significado e conflitantes com a realidade, pois interrompem o fluxo de informações importantes para formação do cidadão livre de forma efetiva e completa. Com base no exposto Freire acrescenta:

A educação que se impõem aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada mecanicistamente compartimentada, mais nos homens como corpos “conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mais a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1970, p.38).

A Economia Solidária, associada à proposta de educação para liberdade de Paulo Freire, vem proporcionar à educação popular novas possibilidades de práticas que vem de encontro ao sistema capitalista contemporâneo, pois ambas exigem a criação de situações em que a reciprocidade surja espontaneamente e cooperativamente. O mais importante aqui é o aprendizado, do qual é produzido do sentimento que nasce da prática solidária.

A Economia Solidária é um modo específico de organização de atividades econômicas. Ela se constitui pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre os seus membros.

Existem diferentes autores que se dedicam à conceituação da Economia Solidária, sendo que os dois principais são Paul Singer e Euclides Mance.

O conceito vai além e agrega ao mesmo, a noção não apenas de geração de postos de trabalho, mas sim uma colaboração solidária que visa à construção de sociedades pós-capitalistas em que se garanta o bem-viver de todas as pessoas. Nesse contexto de acordo com Mance:

Ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade (MANCE, 1999, p.178).

Nesse sentido, a partir da experiência vivida em ambiente comunitário é possível perceber o desenvolvimento de habilidades como a cooperação, a

autogestão, a participação coletiva, a democracia, a promoção do desenvolvimento humano e da responsabilidade social em cada educando. À proporção em que o sujeito doa e recebe, ajuda os educandos experimentam a solidariedade, e isso para a atividade educativa é extremamente benéfica.

Na urgência de integrar tais habilidades ao currículo escolar deste educando, cabe aos atores do processo educacional produzir e permitirem que uma educação humanitária e solidária pertençam de forma definitiva, ao cotidiano escolar como oportunidade ímpar de vivenciar experiências e viabilizar concretamente a mudança e re-significação da realidade do aluno.

Porque não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p.17).

A partir dessa reflexão, o destaque é direcionado para as possibilidades que a educação contextualizada e desenvolvida com a comunidade existente de fato, e não para uma comunidade que exista apenas no ambiente imaginário, tende a serem mais crítica e questionadora da realidade, permitindo desenvolvimento local e por consequência se estendendo a outros ambientes onde esse sujeito crítico atua.

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela (FREIRE, 1996, p.46).

O descobrimento do universo temático, interdisciplinar e repleto de possibilidades, promovidas pelas inúmeras conexões que as redes proporcionam, permite ao educando desvendar a essência de sentido que compõe uma educação consciente, crítica e organizada no contexto em que se constrói. Nessa perspectiva Mance diz que:

O consenso sobre essas novas práticas tem sido construído no interior de redes em que pessoas e organizações de diversas partes do mundo colaboram ativamente entre si, propondo transformações do mercado e do

Estado, das diversas relações sociais e culturais a partir de uma defesa intransigente da necessidade de garantir-se universalmente as condições requeridas para o ético exercício das liberdades públicas e privadas (MANCE, 2002, p.94).

O potencial da educação popular, feita em comunidade e norteadas pela colaboração solidária, fica em evidência com o aumento da capacidade de construir uma forma de colaboração geral superando as dificuldades encontradas no cotidiano de cada grupo social como a falta de estrutura, ou a ausência de políticas públicas de apoio à educação e à cultura local, além da deficiência de programas permanentes responsáveis pelo diálogo e gestão de relações conflitantes como o uso de drogas nas escolas na própria comunidade, o que exige do sistema educacional a apropriação e problematização de tais demandas aos currículos escolares.

De um modo geral, na teoria, as leis regulam a ação específica em diversas áreas sociais, deve ser em seu conjunto e como todas, “destinadas a assegurar o exercício dos direitos sociais individuais, a liberdade, a segurança, o bem estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. (...)”, como reza a Constituição Federal em seu preâmbulo.

Sabendo reconhecer que, todo ambiente social é, enquanto lugar de conflito de concepções e práticas a serviço de diferentes classes sociais, um lugar de ações educativas, então toda a ação social tem um efeito pedagógico, e esse efeito permite uma compreensão do processo de imposição de limites e regras à sociedade produzindo no interior dos grupos e comunidades forças inerentes ao próprio grupo caminhado em direção à resistência e sobrevivência.

Dos suportes legais mais diretamente relacionados ao contexto de educação de crianças e adolescentes em âmbito popular é possível destacar a LDB, Lei Federal nº 9694 de 20 de dezembro de 1996, e ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, os quais abordam os direitos que devem ser manifestados e protegidos.

Por ser necessário ter uma consideração mais profunda sobre os elementos que atuam sobre as práticas dos educadores populares, é recomendado se partir do debate sobre a constituição da LDB e do ECA, com o cuidado sobre a consequência gerada nas ações educativas de redes das comunidades, e da sociedade, em geral, pois causam também a tradição dos movimentos sociais de defesa de direitos na área da educação na década de 80. Ainda de acordo com esse contexto, Freire infere que:

O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos (FREIRE, 1996, p.49).

Historicamente, as leis, de maneira geral, são propensas a simbolizar os interesses dos grupos dominantes. Isto, além de outras coisas, ocorre devido ao fato das leis exercerem uma relevante função na conservação da ordem e da estrutura de domínio constituídas, favorecendo a organização desequilibrada e desonesta. Diante desta constatação Freire expõe que:

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda a produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detém o poder (FREIRE, 1996, p.79).

Portanto as leis, segundo Rizzini (1995) quando legitimados por grupos sociais amplos devido ao envolvimento no processo de sua construção, operam de um modo muito mais ativo, no sentido da motivação para efetivação das mudanças previstas na própria lei, e tais mudanças sociais influenciam assim nos processos educativos e com diversos âmbitos da sociedade onde tais grupos atuam comprometidamente.

Desse modo a Economia Solidária, na mediação entre as leis e as práticas sociais, constitui um dos elos fundamentais para a consolidação dos processos de construção democrática da sociedade. A compreensão da sua dinâmica torna-se

assim indispensável ao estudo e à reflexão sobre as próprias práticas pedagógicas comprometidas com tal processo de transformação social.

Capítulo 2

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE

O projeto de Educação Popular e Economia Solidária da FE da UnB foi desenvolvido durante quatro semestres na comunidade do Sol Nascente em Ceilândia- DF, os encontros e reuniões foram realizados aos sábados na comunidade de oito da manhã ao meio dia. Para compreendermos os objetivos da pesquisa-ação se faz necessário entender à constituição dessa comunidade e como atualmente ela se encontra, com isso, em um primeiro momento, faço um breve histórico sobre o surgimento e os principais problemas da comunidade e, mais adiante descrevo como foi realizada a intervenção pedagógica e seu reflexo no crescimento daquela comunidade.

2.1 – Um breve Histórico da Comunidade do Sol Nascente – Um problema social próximo do poder

Cerca de 35 km de onde são tomadas as decisões políticas surgiu a segunda maior favela do país. A favela condomínio Sol Nascente fica na região mais populosa do DF, Ceilândia, e tem uma população de 56.400 pessoas, segundo o censo de 2010 do IBGE.

Entre os aglomerados desordenados e carentes de serviços essenciais do Brasil, o condomínio Sol Nascente só perde em população para a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, com 70 mil habitantes. Como acontece com a Rocinha e outras favelas brasileiras, a administração local discorda dos números do censo e

revela que mais de 100 mil pessoas moram nas cerca de 35 mil residências do condomínio Sol Nascente.

A favela se estende por 16 mil metros quadrados e algumas áreas correm risco de desabamentos e enchentes. O local já foi formado por várias chácaras, com posse cedida a produtores de frutas e verduras.

No fim da década de 90, carroceiros que usavam um curral comunitário para guardar carroças e cavalos, começaram a construir barracos nesse local. Na mesma época, as pessoas que tinham posse da área (mais não eram proprietárias) iniciaram o parcelamento e venda de terrenos, explica o líder comunitário Carlos Botani, que trabalhou no levantamento de dados da única pesquisa oficial sobre o Sol Nascente.

Um dos marcos da transformação da área rural em um aglomerado urbano e precário ocorreu no ano de 2000, com a criação do Núcleo Habitacional Parque Sol Nascente – uma tentativa do governo em regularizar a área.

Mais a favela já estava criada. Hoje, a população local enfrenta as consequências da ocupação rápida e sem planejamento. Os principais problemas do condomínio Sol Nascente são a falta de infraestrutura e segurança.

Conforme pesquisa Distrital por amostra de domicílios de 2013, realizada pela Companhia de Desenvolvimento do Distrito Federal apenas 6% dos moradores do Sol Nascente tem acesso à rede de esgoto. Viver nesse aglomerado pode muitas vezes ser sinônimo de isolamento. Conforme a pesquisa da CODEPLAN, 90% dos habitantes afirmaram que a rua onde moram não tem asfalto enquanto 94% disseram que não há nem calçadas.

O lixo é outro grande problema. A coleta regular não chega para 45% dos moradores. Na época das chuvas, os resíduos não recolhidos se tornam um ingrediente preponderante para os alagamentos.

Os moradores do condomínio também têm pouco acesso à saúde e educação, há apenas quatro escolas públicas na região e nenhum hospital ou posto de saúde.

A segurança é outra lacuna, apesar do grande contingente populacional, não há delegacias, apenas três postos policiais comunitários no condomínio. Em Ceilândia, região onde o condomínio Sol Nascente está localizado, o crime mais recorrente é o roubo a pedestre. No primeiro semestre de 2013 foram mais de 1.800 casos. O roubo a comércio também tem registros expressivos: Foram 799 ocorrências nos primeiros seis meses do ano.

Dos crimes contra a pessoa foram 80 homicídios e 101 tentativas, além de 73 estupros. Embora a Secretaria de Segurança não tenha dados específicos do condomínio, o Major Carloni Batista da Silva, responsável pela área, afirma que os crimes mais graves que ocorreram no local estão relacionados ao tráfico de drogas.

Para o governo do DF a solução dos problemas passa pelo processo de regularização das terras. Em 2011, o governo iniciou a regularização com a retirada de família de áreas de risco, locais de drenagem e pontos onde serão construídos equipamentos públicos. Até o momento, cerca de 250 famílias que vivem em duas quadras foram reassentadas. O DF recebeu R\$ 220 milhões do governo federal para obras de infraestrutura, como pavimentação das ruas e rede de drenagem pluvial.

Enquanto as mudanças promovidas pelo governo vão se concretizando, a população se antecipa em ações voluntárias, a assessora parlamentar Elândia dos Reis é uma das voluntárias mais atuantes na associação de moradores do condomínio, onde tem o cargo de primeira secretária. O trabalho na associação de moradores inclui ouvir a população e levar suas demandas as autoridades. Um dos trabalhos realizados é o de conscientização da população sobre o descarte adequado do lixo.

O Sol Nascente surgiu com a negligência do Executivo, a omissão do Legislativo, e conivência do Ministério Público de não fiscalizar e cobrar dos governos passados, a invasão de terras públicas nas redondezas do DF. A maior briga dos moradores e lideranças da região é a criação de uma Administração Regional no Sol Nascente, afim de, descentralizar da Ceilândia o poder, e dá autonomia administrativa a essa região.

2.2 – Intervenção Pedagógica

Tomando como ponto de partida as atividades realizadas no Condomínio Sol Nascente em Ceilândia, será apresentada uma abordagem mais objetiva, buscando relacionar as informações do levantamento histórico-conceitual realizado no capítulo anterior, com as experiências empíricas vivenciadas com o grupo de mulheres e crianças junto à comunidade, buscando caracteriza-las e contextualiza-las frente ao panorama da Educação Popular na perspectiva dos fundamentos da Economia Solidária.

A prática educativa vivenciada pelos sujeitos envolvidos no processo de Educação Popular em Sol Nascente, dentre eles, alunos de diferentes cursos de graduação da UnB, representantes comunitários, e diferentes membros da comunidade, foi composta por diversos momentos pedagógicos que marcaram essa prática.

Para realização dos encontros, nos foi cedido, pela administração da UnB, inicialmente uma Van com capacidade para 16 passageiros que realizava o trajeto da universidade até a comunidade do Sol Nascente, na escola Classe 66, saindo às 08h e 30 min e retornando às 12h00min. Esse momento, muitas vezes, foi usado para o fornecimento de informações importantes relativas às atividades a serem desenvolvidas, bem como, um momento de estreitamento nas relações entre os alunos que faziam parte do projeto.

Antes de relatarmos, de fato, as experiências vivenciadas na comunidade, se faz necessário um breve histórico de como o Projeto de Educação Popular e Economia Solidária chegou à comunidade do Sol Nascente.

Marcílio, um artesão e especialista na confecção de Bolsas e matérias em couro, durante algum tempo, reuniu um grupo de mulheres que buscavam aprender e aperfeiçoar habilidades relacionadas ao corte e costura e, através do trabalho realizado com a confecção das bolsas, gerar renda para auxiliar no orçamento familiar, já que muitas delas não possuíam nenhuma fonte de renda, e também não tinham condições de procurar emprego, por motivos como falta de qualificação e filhos pequenos, que não tinham como serem cuidados por alguém, com isso não poderiam conseguir colocação no mercado de trabalho formal.

Frente a essa realidade, a Economia Solidária surge como alternativa para esse grupo de mulheres, pois considera a existência dos vários saberes e através da autogestão possibilita que os processos de trabalho, a coordenação das ações e a avaliação das atividades sejam feitas pelo grupo.

Com máquinas de costura e materiais comprados com o próprio salário de funcionário da UnB, e com muitas doações que conseguia, Marcílio reunia inicialmente as mulheres em um quarto cedido por ele mesmo, na sua residência. Com o passar do tempo, o número de mulheres que inicialmente era pequeno, começou a aumentar, e com isso foi necessário outro local com maiores dimensões para a realização dos trabalhos.

Por ser uma pessoa muito atuante na sua comunidade e desejoso de compartilhar seus saberes, com o objetivo de ajudar no crescimento local, fez uma parceria com a direção da Escola Classe 66, que cedeu o espaço de uma sala de aula para ser utilizado aos sábados pela manhã.

Já no novo local de trabalho, muitas reuniões foram realizadas, dando continuidade à confecção das bolsas, e paralelo a isso, as aulas de costura ministradas por Marcílio. Marcílio ao perceber que necessitava de um apoio, foi em busca de parcerias. Nesse momento, conhece o Projeto de Economia Solidária coordenado pela professora Sônia Marise, e reconhece na proposta central do Projeto uma alternativa para avançar no objetivo de geração de trabalho e renda.

Nesse contexto, Economia Solidária é uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego. Singer propõe que:

A construção da Economia Solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a Economia Solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente (SINGER, 2000, p. 138).

Os primeiros encontros realizados na Escola Classe 66 do Sol Nascente, já com os estudantes da UnB e o grupo de mulheres, inicialmente, foram bastante conturbados. Logo nas primeiras reuniões, havia uma quantidade muito grande de mulheres, fruto de diversos anúncios e propagandas feitas pelo coordenador do grupo.

No início do semestre contávamos com a ajuda da aluna Adriana que em tempos passados, muito em razão de ser moradora da Ceilândia e de ter participado de outros projetos na comunidade, se prontificou a ajudar, sendo representante dos alunos junto ao grupo de mulheres. Nas primeiras reuniões houve uma troca natural de conhecimento entre as pessoas que faziam parte do grupo de mulheres, as lideranças comunitárias ali representadas, e os alunos da UnB.

Conhecemos a origem do grupo, suas histórias e suas demandas e, a partir daí foram traçadas juntamente com a comunidade, as primeiras ações a serem desenvolvidas. Tudo ocorria na mais perfeita ordem, até que um dos princípios da Economia Solidária, a autogestão, não foi observada. Em uma tentativa de ser constituir uma liderança individual ao invés do grupo se autogerir muitas atividades deixaram de ser feitas, algumas mulheres deixaram de comparecer aos encontros e o projeto parecia não avançar.

Diante desse obstáculo, a professora Sônia Marise reuniu tanto a comunidade quanto os alunos, e fez os ajustes necessários para que as atividades que ali foram propostas pelo grupo, em conjunto com os alunos, pudessem ser realizadas.

No primeiro semestre de 2013 voltamos a nos reunir com a comunidade do Sol Nascente, no primeiro encontro fizemos uma análise do que tinha sido desenvolvido no semestre anterior e, planejamos as ações a serem desenvolvidas naquele semestre de acordo com as demandas então existentes, sendo que uma das primeiras ações foi dividir o grupo em subgrupos menores, os chamados GTs, através dos quais, atividades específicas deveriam ser realizadas. Em um primeiro momento os subgrupos foram divididos da seguinte forma: GT da Costura, GT crianças e o GT da reciclagem.

Na intenção de realizar um trabalho pedagógico mais voltado para a Educação Popular, fundamentada nos princípios da Economia Solidária passei a

integrar o GT Crianças, por encontrar possibilidades de aliar conhecimentos teóricos a realidade prática.

2.2.1 – Grupo de Trabalho Crianças

Esse GT nasceu da necessidade de uma ação pedagógica direcionada aos filhos e filhas das mulheres que faziam parte do GT da Costura. Esse GT era formado principalmente por alunas do curso de graduação em pedagogia, que viam na realização desse trabalho, a possibilidade de desenvolver os princípios da Educação Popular em parceria com os conceitos da Economia Solidária.

O GT realizou um trabalho educativo com as crianças numa perspectiva didático-pedagógica envolvendo temas diretamente relacionados com a realidade social que elas estavam inseridas. O uso de drogas, a violência doméstica e sexual, foram temas abordados durante as atividades. Entrelaçados com os temas acima mencionados foram trabalhados também os princípios da Economia Solidária como a dádiva, a solidariedade e a autogestão.

O planejamento das atividades era feito no início de cada semestre pelas alunas, em conjunto com as crianças, que muitas vezes, traziam situações vivenciadas por elas.

Havia também dentro do GT uma pessoa responsável, que era escolhida em comum acordo com todos os componentes, para coordenar as atividades dentro do grupo e também enviar os relatórios das atividades realizadas nos encontros.

O primeiro semestre de 2013 foi o do início dos trabalhos com as crianças. Durante a realização das atividades percebemos que havia um grande interesse por parte delas em participar de tudo que era proposto em conjunto com o grupo. Ficou decidido que durante o semestre trabalharíamos o “Projeto Cidadania”. Nele, temas referentes a uma boa formação cidadã e valores sociais seriam o foco.

Para viabilização do “Projeto Cidadania” coordenamos nossas ações com o GT da Costura e o GT da Reciclagem. Solicitamos que as mães que faziam parte do grupo se empenhassem em trazer suas crianças e jovens para participar. Para

incentivar o compromisso e organizar o trabalho, realizaríamos inscrições gratuitas para o evento.

O Planejamento semestral das atividades segue conforme quadro abaixo:

Atividades realizadas pelo GT das Crianças no 1º semestre de 2013	
Data	Atividade
27/04	Inscrições para o projeto
04/05	Reciclagem
11/05	Homenagem às mães
18/05	Filme: O lixo
25/05	Avaliação do trabalho
08/06	Filme: A família do futuro
15/06	Trabalhar as questões do filme
22/06	Show de talentos
29/06	Solidariedade
06/07	Oficinas de reciclagem
13/07	Encerramento e avaliação conjunta das atividades

-Em anexo o diário de bordo das atividades.

No dia 13 de julho de 2013, conforme o cronograma de realização de atividades, o GT Crianças, realizou uma avaliação final do trabalho e verificamos que o trabalho feito em uma comunidade é dinâmico. Durante o semestre aconteceram imprevistos que não permitiram que determinada atividade fosse realizada, por diversas razões, tais como, as que envolviam a própria dinâmica da comunidade, e outras razões que envolviam os alunos.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas chegamos juntos, tanto alunos quanto as crianças, a conclusão que muitos ensinamentos e experiências foram compartilhados.

Por vontade das próprias crianças e dos alunos, e por ser uma demanda da própria comunidade, resolvemos dá continuidade as atividades do GT Crianças no semestre subsequente.

No segundo semestre letivo de 2013, os alunos da UnB de diferentes cursos, mais em especial os graduandos em Pedagogia, voltaram a se reunir com a

comunidade do Sol Nascente em Ceilândia, para prosseguir no Projeto de Educação Popular e Economia Solidária.

Nesse primeiro encontro, os dois GT's, Costura e Crianças, estavam presentes, pois ao final do semestre anterior, ficou decidido tanto pelos alunos, quanto pela comunidade, que seria dado continuidade nos trabalhos.

Durante nosso recesso, a comunidade não parou com as atividades, o GT da Costura deu prosseguimento a confecção das bolsas e a formação de um mostruário das bolsas produzidas, dentre outras atividades. Ficamos muito satisfeitos com essas notícias, pois, mesmo sem a presença da UnB, o princípio da Economia Solidária, a autogestão, estava sendo colocado em prática.

Nesse mesmo encontro nos subdividimos e reunimos com as crianças, que foi um encontro muito agradável para nos estudantes de pedagogia. Percebemos na fala das crianças que elas sentiram falta das atividades que ali realizávamos e que a nossa presença novamente na comunidade estava sendo aguardada. Conversamos muito, e de acordo com a demanda apresentada por elas, desenvolvemos o planejamento para o semestre.

O tema escolhido para ser trabalhado foi à união e as atividades foram organizadas de acordo com o quadro abaixo:

Atividades realizadas pelo GT das Crianças no 2º semestre de 2013	
Data	Atividade
21/09	Filme: Vida de inseto
28/09	Discursão do filme: enfoque o conceito de união e solidariedade
19/10	Comemoração do dia das crianças e lanche comunitário – cachorro quente
09/11	Encerramento e avaliação dos trabalhos

- Em anexo os diários de bordo das atividades.

Os trabalhos, ao contrário do semestre anterior, sofreram muitas modificações. O Espaço cedido pela Escola Classe 66 do Sol Nascente foi muito utilizado para realização de outras atividades, inclusive de caráter político. Durante os meses de outubro e novembro, aconteceram também alguns feriados que impossibilitaram a presença dos alunos na comunidade. Porém de acordo com os

dias disponíveis para os encontros, algumas adaptações foram feitas, e as atividades propostas para o semestre foram realizadas. Algumas lacunas foram deixadas, contudo, na avaliação feita ao final do semestre, o GT Crianças alcançou os objetivos desejados.

Isso nos fez ver na prática, que as ações pedagógicas não devem ficar restritas ao espaço escolar, e sim, serem ampliadas e integradas com as comunidades e os diferentes movimentos sociais populares compreendidos como espaços educativos. Segundo Freire, esses espaços devem contemplar uma aprendizagem para a emancipação e a liberdade:

O importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo- não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE,1970,P.24).

O envolvimento das pessoas nas atividades foi orientado e concentrado em despertar o interesse pela busca do conhecimento no coletivo, promovendo o movimento circular constante com tendências a reestruturar o sistema educativo atual e desenvolver novas possibilidades para além do sistema educativo, transformando sujeitos em agentes de sua própria educação pela atuação consistente entre suas práticas e sua reflexão, e, para que isso aconteça, é importante reverter o aprendizado em benefícios para o aprendiz, por meio do crescimento comunitário. Acerca deste raciocínio Gadotti aponta que:

Esse é o “cenário” da cidade que educa no qual as práticas escolares possibilitem qualificar o entendimento freiriano tanto da leitura da palavra escrita como da leitura do mundo. A cidade que educa não fica no imediato, mais aponta para uma compreensão mais analítica e reflexiva tanto dos problemas do cotidiano quanto dos desafios do mundo contemporâneo (GADOTTI, 2004, p.53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cursos de Pedagogia em seus currículos tratam a prática fora de sala de aula como se esta fosse externa ao ato de educar, conseqüentemente, isso tem gerado uma situação conflitante, devido à resistência dos educandos frente à proposta de mudança e inovação, pois estes não foram motivados e estimulados para um trabalho verdadeiramente prático.

A possibilidade da construção de uma Educação Popular e Solidária vem com o propósito de desconstruir o modelo rígido e estático contido nos currículos escolares e re-construir coletivamente, embasados por Paulo Freire, uma proposta de tematizar, problematizar e compartilhar o mundo, visando gerar a reflexão em comunidade sobre a sua realidade e a construção de caminhos solidários de transformação social.

Sendo assim, com as experiências vivenciadas nesse trabalho, percebemos ser possível o desenvolvimento social e econômico da comunidade por meio da Educação Popular relacionada aos princípios da Economia Solidária. Nesta prática, desenvolvida por alunos do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, aliada as atividades realizadas na comunidade do Sol Nascente em Ceilândia, buscou-se encontrar questionamentos comuns e, a partir deles, instiga-los a realizarem uma leitura crítica de suas próprias realidades.

Frente a essa perspectiva educacional, Paulo Freire propõe, para além de métodos e técnicas de alfabetização, uma busca pelo conhecimento, porém, um conhecimento que sirva de instrumento de reflexão e análise ao próprio educando. Desse modo, ele vai mais além e defende que uma educação dialógica não pode se utilizar de uma pedagogia neutra, tendo em vista que essa educação é em si mesma um ato político.

Portanto, a Educação Popular precisa, fundamentalmente, ter um norte, uma direção. Um educador popular precisa exercer sua autoridade, mais não pode deixá-la se transformar em autoritarismo. Esse educador deve ser firme o suficiente para

permitir que seus educandos percebam que através do contato com o mundo estamos em constante mudança.

Sendo assim, ao longo deste trabalho realizado na Comunidade do Sol Nascente, constantemente buscou-se partir da realidade concreta dos sujeitos, e da comunidade na qual se encontram inseridos, apresentar situações de reflexões para que este grupo socialmente constituído consiga transformar sua realidade de forma cooperativa e solidária, com o propósito de, tornar essa aprendizagem verdadeiramente significativa, tomando como referencial a sua própria realidade.

Por fim, conscientes do nosso papel de educadores sociais não podemos nos afastar da nossa responsabilidade de colaborar para a formação desses sujeitos mais humanos e solidários, e em conjunto buscar uma educação igualitária e que defenda sempre a autonomia de pensamento e respeito ao próximo, afim de construirmos de forma cooperativa uma sociedade justa para todos.

PARTE III – PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

PERSPETIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Chegar ao final do curso de graduação em Pedagogia é contemplar com grande satisfação a concretização de um sonho. Naturalmente, nesse momento, vem à mente, como uma retrospectiva, os anos dedicados a alcançar esse objetivo. Muitas horas de estudo, abnegação de momentos em família, isolamento das relações sociais, enfim, muito esforço e sacrifício. Contudo não são só essas as lembranças que vem à mente. O conhecimento adquirido, as amizades conquistadas e principalmente a certeza de ter feito a escolha certa, fazem sentir que tudo foi muito válido.

Além do sentimento de realização, nesse momento trago também o peso da responsabilidade de ser uma educadora. Estar na área da educação me tornou uma pessoa mais humana e solidária. E consciente da importância do meu papel e, pretendo usar as experiências pedagógicas adquiridas durante a minha formação na sociedade.

Ao participar do projeto de Educação Popular e Economia Solidária, vivenciei experiências que me proporcionaram compreender a verdadeira dimensão de uma educação libertadora, comprometida com o educando e sua realidade social.

Muitas são as minhas pretensões profissionais. Desejo prosseguir na aquisição de conhecimentos fazendo duas especializações, uma da área da Psicologia Educacional e a outra em Gestão. Pretendo também com algumas amigas pedagogas realizar o desejo de criar uma instituição de ensino que atenda crianças em situações de vulnerabilidade social.

Minha expectativa maior neste momento ao concluir a graduação é colocar em pratica todos os aprendizados e experiências quando assumir o cargo de professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, onde fui nomeada recentemente através de concurso público.

ANEXO

RELATÓRIO DO GT CRIANÇAS

Este relatório compõe todos os diários de bordo das visitas realizadas na Escola Classe 66 do Sol Nascente. Os encontros foram realizados aos sábados das 09h30min á 12h30min. O Projeto Sol Nascente foi dividido em três, este apresenta apenas o GT- Crianças, o qual trabalhou a Educação Popular, realizando atividades com os filhos e as filhas das mulheres artesãs da comunidade.

Diário de Bordo do dia 27/04

No dia 27/04 nosso propósito foi fazer as inscrições das crianças e jovens para, assim, começarmos a trabalhar o “Projeto Cidadania”. Porém, no dia 27/04 estava havendo reposição de aula na Escola Classe 66 e, portanto, compareceram apenas quatro crianças. O grupo de trabalho se reuniu então com as quatro crianças que foram no dia, onde, inicialmente, fizemos uma dinâmica e depois um lanche.

Na reunião do grupo, procuramos saber como ficarão os próximos encontros, para isso, chamamos o coordenador do projeto no Sol Nascente, o Marcílio, para uma conversa sobre a presença das crianças e jovens no projeto. Na roda de conversa, Marcílio confirmou que a partir do próximo sábado as crianças e jovens vão estar presente no projeto, pois não vai haver mais reposição das aulas e toda a comunidade ia ser informada sobre o Projeto com as crianças e jovens da região.

Encerramos nossa reunião e fomos ao encontro dos outros GT's, para compartilhamento das ações que foram planejadas. Nesse encontro o GT Reciclagem relatou um trabalho com as crianças da escola, o qual precisará da ajuda das pedagogas e, nós do GT Crianças nos disponibilizamos a trabalhar junto com o GT Reciclagem.

Contudo, no próximo encontro dia 04/05, o grupo de trabalho espera contar com a presença das crianças e jovens para fazermos o que havíamos planejado

para o encontro do dia 27/04, ou seja, fazer as inscrições das crianças e jovens, fazer uma roda de conversa para conhecer as crianças e, principalmente, começarmos a trabalhar o primeiro tema do “Projeto Cidadania” qual já foi definido como “Reciclagem”.

Diário de Bordo do dia 04/05

O propósito do GT para esse dia foi de começar a trabalhar o Projeto “Cidadania”, ou seja, colocar em prática o planejamento de trabalho do grupo. Porém, não foi possível, porque novamente não podemos contar com a presença das crianças e jovens da comunidade.

No entanto, fizemos uma dinâmica com as crianças que estavam presentes que eram cerca de vinte no total. Posteriormente, foi passada uma atividade para as crianças. Foram distribuídas canetas, lápis e folhas para elas desenharem de um lado da folha e do outro escreverem alguma frase sobre o desenho e, quem não conseguia escrever ou desenhar teve o acompanhamento das Pedagogas.

Após todos terminarem a atividade, foi proposto que as crianças apresentassem seu desenho e o explicasse. Todas as crianças fizeram a apresentação dos desenhos, os quais foram recolhidos depois.

O GT fez ainda um lanche coletivo com as crianças e, depois elas foram levadas para a quadra da Escola, aonde brincaram.

O GT achou necessário se reunir para tomar decisões sobre o próximo encontro. Anterior à reunião, o Marcílio, coordenador do projeto na comunidade Sol Nascente, havia sugerido que fizéssemos algo para comemorarmos o Dia das Mães, então, o GT decidiu para o próximo encontro, que no caso será dia 11/05, juntamente com os GT's Costura e da Reciclagem fazer um café da manhã para as mães. Com isso, foi decidido também que o GT iria preparar lembrancinhas para as crianças fazerem e entregarem as suas mães.

Diário de Bordo do dia 11/05

Sendo véspera do dia das mães, o encontro do dia 11 de maio iniciou com uma confraternização com as mães, crianças e alunos da UnB, foi um café da manhã muito agradável e descontraído. Em seguida os GT's se dividiram cada um em uma sala.

No GT Crianças, realizamos uma atividade para homenagear as mães, no qual cada criança fez um desenho dentro de um coração para ser entregue para a respectiva mãe. Junto com os desenhos, nos corações foi entregue também uma mensagem, e um balão para que eles também desenhassem ou escrevem algo para suas mães.

Depois da atividade com as crianças, as alunas do GT Crianças se reuniram para conversar sobre o andamento e planejamento das atividades seguintes, expomos nossas ideias e angústias comuns, principalmente por não termos uma certeza quanto ao número de crianças que participam dos encontros, o que dificulta o nosso planejamento das atividades. Depois de fazermos esta reunião entre o grupo, chamamos nossa coordenadora, a Jéssica, para apresentar a ela todas estas dificuldades que estávamos passando e presenciando. Após esta conversa todos os grupos se reuniram para o compartilhamento das ações que foram planejadas para o próximo encontro.

No próximo encontro do dia 18/05, o nosso GT irá trabalhar junto com os outros dois GT's, com oficinas sobre o lixo, e mais especificamente sobre a reciclagem. Proposta esta do GT Reciclagem, que relatou que irá fazer um trabalho de reciclagem com as crianças da escola, no qual precisará da ajuda das pedagogas e, nós do GT Crianças nos disponibilizamos a trabalhar, participar, auxiliar e ajudar.

Diário de bordo do dia 18/05

No sábado, dia 18 de maio, o grupo da reciclagem apresentou para as crianças um slide sobre o lixo retratando o conceito, falando sobre a reciclagem, e dessa forma situando mais as crianças a cerca do tema. Após a apresentação, as crianças realizaram uma atividade com desenho, o que retratou o antes e o depois de um local com lixo, e o que acontecia com esse local após a reciclagem, e a preservação do lugar. Cada criança apresentou para os colegas seu desenho explicando-o. Após o lanche, as crianças, em conjunto com as pedagogas deram início a uma brincadeira para encerramento. No próximo sábado iremos trabalhar em conjunto com o GT Reciclagem, auxiliando no teatro que será realizado com as crianças.

Diário de bordo do dia 25/05

No primeiro momento fizemos uma roda e separamos as crianças para uma dinâmica, onde cada grupo juntou o seu lixo em um canto. Depois pedimos para que separassem o lixo de acordo com sua utilidade. Explicamos que é importante a separação do lixo orgânico do lixo reciclável.

Já no segundo momento, perguntamos as crianças o que elas desejam fazer nos encontros de sábado. No geral elas querem se divertir de todas as formas, desenhar, brincar no parque, piquenique, ler, escrever, dançar, teatro, praticar esportes e etc.

No terceiro momento pensamos em fazer um diário de bordo com a produção das próprias crianças.

No quarto momento o GT Reciclagem foi extinto e se juntou com o GT Crianças para propor outras atividades, enquanto discutíamos sobre as atividades propostas, as crianças fizeram o diário de bordo do dia e fizemos o plano anual para ficarmos mais organizados nos encontros.

Diário de Bordo do dia 08/06

No encontro estavam presentes apenas cinco pessoas do GT, conforme fomos conversando entre nós, percebemos que há muita falta de comunicação entre todos. É importante a comunicação num grupo, sem ela não há interação no plano de trabalho. O GT já fez seu planejamento até o último dia do semestre e, foram selecionados coordenadores para cada encontro, os quais serão responsáveis por alguma atividade para as crianças do projeto.

Nesse dia, 08 de junho, o GT Reciclagem se juntou ao GT Crianças e, conforme estava no planejamento, o Michel, o Átila, a Raiane e a Ludmila do GT Reciclagem ficaram responsáveis por passar um filme sobre o tema família e solidariedade para as crianças. Com isso, o filme escolhido foi: “*A família do futuro*”, com o propósito de discutirmos com elas as questões da família. Também, cada um dos GT’s ficou responsável por trazer pipoca e refrigerante para serem oferecidas as crianças.

Enquanto as crianças assistiam ao filme, foi distribuída pipoca em duplas, pois assim incentivamos a solidariedade nelas, inclusive tiveram crianças que dividiram a pipoca com outras que não tinham mais.

Como não deu tempo de discutirmos o filme, ficamos para fazer isso no próximo encontro junto com a atividade a ser passada sobre o tema família e, nesse dia também vamos fazer uma salada de frutas.

O GT Crianças pensou sobre os lanches oferecidos nos dias dos encontros e, percebeu-se que as crianças precisavam ter qualidade no lanche, não só “besteiras” como vêm sendo oferecido. Portanto, foi decidido que no próximo encontro cada um vai levar frutas e materiais para fazermos, na escola, a salada de frutas. Nos próximos lanches do GT vamos evitar refrigerante, salgados etc.

Por fim, pedimos às crianças para levarem seus copos nos próximos encontros, o GT fez isso para evitar o uso dos descartáveis pensando nos princípios da sustentabilidade.

Diário de Bordo do dia 15/06

Inicialmente debatemos com as crianças sobre o filme *“A família do futuro”* que foi passado no encontro da semana anterior e não deu tempo de ser discutido e, após a discussão separamos o GT, algumas pedagogas ficaram na sala com as crianças e outras foram para o refeitório da escola fazer a salada de frutas.

Num segundo momento as pedagogas que ficaram na sala com as crianças, escreveram no quadro as palavras solidariedade e família (temas do mês) e, foi pedido para as crianças falarem palavras relacionadas com esses temas.

Logo após as crianças foram divididas em três grupos com quatro crianças cada e, a atividade foi produzir um texto com as palavras que eles falaram, as quais estavam escritas no quadro.

Depois, as crianças pegaram algumas imagens e fizeram um cartaz, nele colaram o texto que foi feito e também imagens de revistas e desenhos que eles produziram.

Enquanto isso as outras pedagogas confeccionaram a salada de frutas como lanche para as crianças que, logo, quando terminaram a atividade do cartaz foram direcionadas para o refeitório, onde foi realizado o lanche coletivo com as crianças e todos do GT Sol Nascente.

Para o próximo encontro foi decidido sobre a atividade a ser passada que será uma história coletiva contada a partir de objetos tirados de uma caixa. O GT também decidiu sobre o lanche, que será sanduíche natural.

Diário de Bordo do dia 22/06

O encontro do GT nesse dia propôs continuar o tema família e solidariedade, as pedagogas Jéssica, Alcilene, Luciana e Priscilla ficaram responsáveis pela atividade do dia, fizeram uma história coletiva com as crianças e apresentações (show de talentos). A Larissa, a Joyce e a Joana ajudaram as meninas com as atividades, e a Maria Luísa foi a relatora, enquanto que as demais estavam confeccionando o lanche, que contou com o apoio de alunos dos outros GT's.

Portanto o encontro aconteceu dessa forma:

1º: As crianças sentaram em roda e as pedagogas explicaram como se faz uma história coletiva. As outras monitoras foram preparar o sanduíche natural para o lanche.

2º: As crianças, junto com as pedagogas, fizeram a história coletiva utilizando objetos tirados de uma caixa preparada para essa atividade.

3º: Foi realizado um debate sobre a história montada. E foi compartilhada a opinião das crianças com uma discussão sobre a moral da história.

4º: Foi distribuída para as crianças uma folha A4, onde elas desenharam de um lado a família e do outro a família daqui a 10 anos.

5º: Apresentação dos desenhos.

6º: Preparação para o "show de talentos", e em seguida houve a apresentação.

7º: Lanche coletivo.

No próximo encontro o GT pretende continuar as atividades com as crianças e encerrar o tema solidariedade e família.

Diário de Bordo do dia 29/06

Em um primeiro momento, as crianças participaram de uma brincadeira com balões, onde dentro de cada balão tinha palavras relacionadas à solidariedade. Essa

dinâmica teve por objetivo estimular as crianças sobre os valores que envolvem a solidariedade.

Em um segundo momento, continuando com a mesma temática, foi realizado com as crianças um “teatro”. Primeiramente elas foram divididas em dois grupos, elas deviam preparar uma cena que representasse um ato de solidariedade.

Em um terceiro momento, foi feita a dinâmica das balas, essa atividade estimulou as crianças a refletirem sobre a ajuda e companheirismo um com o outro e, elas deviam abrir a bala sem utilizar as mãos, mas poderia usar as mãos do colega.

No quarto momento, foi passada uma música, do Milton Nascimento, chamada “Bola de Meia, Bola de Gude”, a qual falava sobre solidariedade. Depois de ouvir a música, as crianças falaram sobre o que ela dizia.

No quinto momento foi realizado o lanche e por fim, as crianças brincaram de forca com as palavras relacionadas ao tema do dia.

Diário de Bordo do dia 06/07

No último sábado, a comunidade de Sol Nascente foi convidada a participar de debates sobre o impacto do lixo e esgoto, oferecidos pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios e, dentro desse debate foram abordadas diversas temáticas, tais como:

- Por que separar os resíduos sólidos?
- E o que é coleta seletiva?
- O que é coleta seletiva multi-seletiva?
- Agente ambiental: Catadores preservando o meio ambiente.

Após uma reunião com os alunos dos diversos GT's com a presença do Marcílio, foi de comum acordo que não seria justo privar a comunidade de participar

das oficinas, pois o nosso projeto é contínuo, e essa oportunidade que a comunidade teve, nem sempre acontece.

Diário de Bordo do dia 13/07

Primeiramente, os integrantes do GT conversaram com as crianças e, que esse seria o nosso último encontro, pois iríamos entrar de férias, explicamos que esse é um projeto que é desenvolvido de quatro em quatro meses, que quando o semestre acaba os alunos da UnB tem um período de recesso.

Logo em seguida, nós pedimos para cada criança fazer um desenho, ou escrever uma frase, expressando o que eles acharam do nosso trabalho que foi desenvolvido no primeiro semestre de 2013.

Por último, tivemos a ideia de gravar o depoimento de cada criança, onde cada uma falou o que mais gostou no projeto e o que menos lhe agradou, e também deram sugestões sobre o que eles gostariam que fosse trabalhado no próximo semestre.

Diário de Bordo do dia 20/07

Nesse dia a Professora Sônia Marise convocou os estudantes de todos os GT's (Sol Nascente, Alto Paraíso, São Sebastião e Santa Maria) para uma reunião na Faculdade de Educação/UnB. Nessa reunião foi compartilhada a experiência de cada um em seu determinado Projeto e as sugestões para o próximo semestre.

Relato do mês de setembro

Neste mês trabalhamos com as crianças o tema união, tivemos dois encontros nos dias 21 e 28. No primeiro encontro foi trabalhado o tema união, foi passado o filme "*Vida de inseto*", um filme já conhecido pela maioria das crianças, porém pretendíamos passar o filme para uma reflexão sobre o ato de solidariedade

e a união, sobre o significado de cada palavra e qual a sua importância para a convivência humana.

Durante o filme as crianças lancharam pipoca, e após o filme as crianças falaram o que acharam, e conforme elas foram falando, foi feito um debate sobre o assunto.

No sábado seguinte, foram passadas dinâmicas sobre o tema para as crianças. Teve dinâmica com balão e brincadeiras fundamentadas nos princípios da união.

Relato do mês de outubro

Neste mês o plano era trabalhar temas em comemoração ao dia das crianças, logo, todo o GT soube que não haveria encontro no primeiro sábado de outubro, porque haveria um evento na escola. Portanto, não tivemos atividades neste dia e nem no dia 12 de outubro em razão do feriado.

No último encontro o GT planejou junto com os outros uma comemoração do dia das crianças que seria realizada no dia 19/10. Ficou combinado que seria servido um lanche especial nesse dia, cachorro quente. Os ingredientes para a confecção do lanche foram divididos entre os GT's da seguinte maneira: Crianças, com o molho, o Reforço, com os pães e o da Costura, com as bebidas.

Primeiramente, iria ser passado pelo GT Reforço um filme com pipoca para todas as crianças e jovens, enquanto isso as meninas do GT Crianças estariam organizando o lanche e, após o filme, o mesmo iria ser servido, logo em seguida seria realizada uma oficina de brinquedos com recicláveis.

Isso era o que estava planejado, porém, no dia 19/10 não foi possível realizar essa atividade porque na comunidade estava ocorrendo um evento político que nos impediu de ter acesso à escola.

Esse evento atrasou todas as atividades do grupo e deu muito prejuízo para as pessoas que se disponibilizaram em fazer o cachorro quente para as crianças e também as lembrancinhas.

Foi mais atraso ainda com os próximos encontros, pois no dia 26/10 a maioria das pessoas de todos os GT's não compareceriam porque iriam ocorrer as provas ENEM.

Assim, por causa dos ocorridos o mês de outubro não teve nenhuma atividade e, causou decepção e desânimo em muitos do GT.

Relato do mês de novembro

No primeiro sábado desse mês não tivemos encontro porque foi feriado, com isso, foi informado então que nos encontraríamos dia 09 para uma reorganização dos planos de trabalho de todos os GTs.

No dia 09/11, foram poucos os estudantes que compareceram e, contamos inclusive com a ajuda da professora Sônia Marise para a reorganização e reflexão do que estava dando certo e errado no projeto.

Nós do GT Crianças, percebemos que a comunidade esse semestre não esteve muito presente, e que não tivemos a colaboração e motivação necessária para a realização das atividades do projeto. E referente ao grupo, identificamos falhas, principalmente na falta de comunicação entre todos.

Convidamos o GT Reforço e a professora Sônia Marise para conversamos, e decidimos que seria melhor nos juntarmos, já que as atividades propostas eram as mesmas. Portanto, o GT Reforço e das Crianças se tornariam um só.

Por termos poucos encontros, para o fim do semestre ficou decidido que nos juntaríamos com o GT Costura, o qual ajudaria, nos próximos eventos que o GT está organizando. Esse GT planeja arrecadar dinheiro fazendo um bazar e uma galinhada para a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Marcos. Redes, Educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a educação de jovens e adultos. 2005, p.31-40.

BARRETO, Vera. Paulo Freire para educadores. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

BORGES, Liana. O SEJA de Porto Alegre. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Org.). Educação de Jovens e Adultos – Teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 1995. P.91-94.

BRASIL, Constituição. Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/12 a 23/99 e Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/64. Constituição de 1988, Brasília: Senado federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1999.

CERRONI, Umberto. Política: Método – Teorias – Processos – Sujeitos – Instituições. Brasiliense, 1986.

CHAUÍ, Marilena. O nacional e o popular na cultura brasileira: seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COUTINHO, Carlos Nelson. Contra Corrente: ensaio sobre democracia e socialismo. São Paulo, Cortez, 2000.

FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: www.fbés.org.br
Acessado em 18/06/2014.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1969, p.36.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. 93p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e Ousadia: O cotidiano do professor. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 224p.

GADOTTI, M. O MOVA-SP Estado e Movimentos Populares. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Org.). Educação de Jovens e Adultos – Teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 1995, p.85-90.

GADOTTI, Moacir. A Escola na Cidade que Educa. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

GADOTTI, Moacir. Educar para outro mundo possível. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

KIPNIS, Bernardo. Elementos de Pesquisa em Ciências Sociais – Projeto. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

KRUPPA, Sonia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos, Brasília, INEP: 2005. 104p.

MANCE, Euclides André. Redes de Colaboração Solidária. Aspectos econômicos – filosóficos: complexidade e libertação. Petrópolis: Vozes, 2002, p.368.

MANCE, Euclides André. A Revolução das Redes: a colaboração como uma alternativa pós-capitalista a globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999, p.178.

MELO NETO, José Francisco. Extensão Universitária, Autogestão e Educação Popular. João Pessoa, Editora Universitária, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de e MOTA, João. Saberes educacionais de alfabetizados e de Comunidades Rurais – Ribeirinhas: construindo uma Pedagogia Social. In: Anais do I Seminário do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (CD-ROM). Belém: CCSE-UEPA, 2004.

RIZZINI, Irene. Crianças e menores: do pátrio poder ao pátrio dever. Um histórico da legislação para a infância no Brasil (1830-1990). In: PILOTTI, Francisco J.; RIZZINI, Irene. A arte de governar crianças: a história das políticas sociais da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano de Niño, 1995, p.99-167.

SINGER, Paul. Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. A Educação na Economia Solidária. 2005, p.13-20.

SINGER, Paul. Introdução a Economia Solidária. SP: Fundação Perseu Abramo, 2005.